



Anexos

ANEXOS

Descrição do resultado criativo “Sempre às 18h no quintal da Benvinda”

O trabalho de criação surgiu a partir da necessidade de colocar em cena toda a movimentação corporal que foi criada através das experimentações dos sentidos. A princípio, eu tinha como objetivo apenas a criação das movimentações, entretanto, com o decorrer do processo, sentimos a necessidade dessas movimentações irem a publico. Por isso, organizamos um trabalho artístico da presente pesquisa que foi intitulado “Sempre às 18h no quintal da Benvinda”.

O nome foi concebido pela proximidade pretendida com o público. Queríamos que eles se sentissem no quintal de casa, no jardim de suas avós, na grama fresca... O horário (18h) foi escolhido por se tratar de uma hora em que, geralmente, as pessoas costumam tomar um cafezinho, um chá ou um bolo, além de ser o nosso horário de trabalho durante a pesquisa prática. E o nome “Benvinda” foi concebido por seu próprio significado: Sejam todos bem vindos ao nosso cafezinho!

Durante o processo de organização do resultado artístico, nós (eu e a outra intérprete-criadora) sentimos a necessidade de termos acompanhamento de um músico, alguém que pudesse, além de realizar a trilha sonora da composição, trazer contribuições significativas para o trabalho que estávamos realizando, principalmente nas investigações sobre o sentido da audição, possibilitando, assim, uma maior compreensão rítmica e melódica a respeito de nossos movimentos.

A partir desse momento tivemos a inclusão do músico ao nosso grupo. Iniciamos com ele um processo de percepção e de “improvisação pelos sentidos”, pois não queríamos que a música viesse para o trabalho em forma de colagem, mas sim que ela também fizesse parte da composição. Desse modo, os momentos musicais foram concebidos também pela sensação gerada por meio das experimentações dos elementos/objetos que havíamos trabalhado durante todo o processo.

A participação desse outro integrante foi bastante significativa e de extrema importância para o desenvolvimento das cenas. A sua entrega para com o trabalho, assim como a da primeira intérprete-criadora que trabalhou nas investigações práticas, foi total, possibilitando a integração do grupo, compartilhamentos, afetos e sensibilidades. Tal presença foi tão intensa que este músico se tornou também um intérprete-criador do trabalho, participando de improvisações corporais e da concepção de todas as cenas.

Em um segundo momento, já com o grupo composto por três integrantes, começamos a separar as cenas da montagem de acordo com os sentidos da percepção¹.

Iniciamos pelo paladar e, após algumas improvisações, discussões, acordos e compartilhamentos com pessoas externas ao trabalho, chegamos a uma cena onde a improvisação nos permite uma entrega, aproximação e interação com o público, além de ter se tornado o início da apresentação.

Nessa improvisação, os três integrantes se posicionavam em pé, de olhos vendados, em uma pequena sala, onde colocamos alguns alimentos à disposição do público e escrevemos um bilhete que os deixava a vontade para nos oferecer algum alimento ou para experimentá-lo, se desejado. Ao nos oferecerem o alimento, nós realizávamos uma improvisação que tinha como princípio a percepção do alimento (paladar), nos deixando afetar sensivelmente pelo que nos era oferecido. Neste momento, reconheço a “improvisação pelos sentidos” como composição da cena.

Após essa primeira parte, o público caminhava por um corredor que eu intitulei como “Corredor das sensações”. Tal local consistia em um local pequeno e estreito, onde dispusemos alguns sachês com cheiros diversos, luzinhas pequenas para ambientar o espaço e pequenos papéis contendo trechos de nossos diários de pesquisa. Este momento foi pensado como um trânsito entre a primeira cena e as próximas, porém esse trânsito ocorreu também com a finalidade de transportar o espectador a um ambiente sensível e agradável que estávamos propondo.

Já com o público acomodado em uma sala maior, contendo almofadas coloridas, colchonetes e cadeiras, nós três entrávamos lhes servindo café e conversando sobre assuntos cotidianos, tais como: “Como está o seu café? Está quentinho?”, “Essas almofadas são fofas, né?”, “Na casa da minha avó tinha um monte de almofadas assim”, “Vocês querem saber uma receita que criamos?”, “Os cheiros do quintal da minha avó... ai, ai!”... Deste modo, nossa proposta era criar um ambiente de troca com o público, onde um diálogo real se estabelecesse.

Após a criação dessa atmosfera sensível e dinâmica, realizamos a parte coreografada do trabalho, onde dançávamos as frases de movimentos, estruturadas a partir das experimentações do olfato. Entre essa coreografia e o momento final da apresentação, aparecia o vídeo dos girassóis projetado no teto da sala. Com isso, a nossa intenção foi de que o público se deitasse para assisti-lo e fruí-lo juntamente conosco.

No momento final do trabalho, desejávamos que a alegria e a sensação rítmica

¹ A princípio tinha em mente a construção do trabalho pensando separadamente cada sentido trabalhado. Entretanto, com o desenvolvimento de algumas cenas, essa separação foi se dissolvendo, criando uma apresentação mais fluida e sem divisão específica de cada sentido explorado nos procedimentos metodológicos.

acelerada promovessem um momento de descontração, para assim nos despedirmos do nosso encontro. Para tanto, realizamos as frases de movimento também coreografadas (estruturadas corporalmente), que foram desenvolvidas através das experimentações com o sentido da visão. Essa coreografia foi realizada juntamente com um som vocal² produzido pelas duas intérpretes-criadoras, som este que, ao criarmos movimentação através de “A Dança pelos sentidos”, foi percebido e acolhido em nossas proposições corporais.

Ao dançar e cantar as frases de movimento, o músico também nos acompanhava, aumentando gradativamente a velocidade. Ao final, a velocidade diminuía abruptamente e nós saíamos da sala cantando os mesmos sons que antes eram acompanhados da coreografia corporal. O público, ao sair do espaço onde ocorreu a apresentação, recebia nossos abraços, um cheiro e um doce que fizemos especialmente para a ocasião, unindo todos os ingredientes que compunham a nossa improvisação do início do trabalho.

Anote aí a receita do nosso “doce criativo”:

- pegue um pão *de forma* ou um pão velho;
- passe requeijão;
- coloque uma bala com recheio de cereja dentro do pão e enrole-o, até virar um rocambole; -depois mergulhe o pão em uma solução de mel com café;
- por último, frite o pão;
- sirva com sorvete e com granulados!

Gira Mundo – Gira Vida (experiência nos Girassóis)

Assim como foi mencionado anteriormente, a experiência no campo dos girassóis foi uma ação de desdobramento, ocorrida a partir das vivências com o trabalho do tato. Propus, durante as experimentações desse sentido, que fizéssemos alguns deslocamentos pela Universidade Federal de Uberlândia, de olhos vendados, a fim de criar um aquecimento sensível dos sentidos para os procedimentos posteriores. Ao realizarmos esse trabalho, percebemos que tal trajeto pelo espaço ao ar livre foi bastante significativo.

Mais tarde, já no processo de finalização do trabalho prático, propus que retomássemos essa vivência em um espaço aberto, para trazermos novamente ao nosso corpo as sensações de percepção do espaço. Um impulso pela natureza, pela relação com a vida, com a terra e com a

² Criamos uma partitura sonora para cada movimento produzido pelas experimentações do sentido da visão. Essa partitura foi realizada de diversas maneiras: cantada por uma das intérpretes, cantada pelas duas intérpretes ao mesmo tempo ou recebendo interferências sonoras do músico.

beleza me trouxe a ideia de realizarmos uma vivência em um espaço que promovesse a relação com a natureza: uma plantação de girassóis.

Esta escolha se deu também pela minha proximidade com pessoas que lidam com a terra e suas insistentes sugestões de realizarmos algo naquele espaço. Quando estou mergulhada em uma pesquisa, sinto, particularmente, que esta passa a ser parte de minha vida, envolvendo as pessoas próximas, queridas e que convivem comigo. Logo, essas pessoas acabam, de alguma maneira, se aproximando do tema pesquisado, sugerindo materiais e auxiliando com determinadas escolhas.

Fomos então os três intérpretes-criadores a uma plantação de girassóis. Um lugar inspirador, em um dia igualmente inspirador. A proposta era ampla e com abertura para deixar o ambiente modificar, sugerir e inspirar a nossa improvisação. Fizemos diferentes ações, a saber:

- reconhecimento do espaço de olhos vendados (fizemos essa proposta somente com o intérprete-criador Guilherme Calegari; as outras intérpretes-criadoras fizeram o reconhecimento do espaço de olhos abertos);
- improvisações com propostas mais abertas, deixando o ambiente influenciar na movimentação;
- realização de seqüências de movimentos criadas a partir das experiências com o tato (seqüências criadas em sala de aula);
- improvisações mais estruturadas, utilizando as frases de movimento trabalhadas com o tato, também como possibilidade de interferência na improvisação;

Quando decidimos realizar essa vivência, pensei em levar alguém para registrá-la. Este registro, em princípio, seria apenas uma maneira de ter o material filmado, porém, mais adiante, percebi que o vídeo poderia se tornar também um material de cena por se apresentar poético e sensível. Logo, quando fomos a campo, a pessoa que registrou as imagens já sabia que estas seriam editadas e levadas para um possível resultado criativo. Foi essa mesma pessoa quem fez a edição do vídeo.

Não tínhamos pretensão de realizar um vídeo-dança, mas sim um vídeo/registro que possivelmente iria para a cena. É por esse motivo que não o nomeio como vídeo- dança, embora reconheça que seu formato, hoje, possa ser considerado como tal.

Release e Ficha técnica de “Sempre às 18h no quintal da Benvinda”

sempre às 18h no
quintal da
BENVINDA

Dia 4 de agosto
às 20h
no UAI Q Dança

Bruna Bellinazzi Clara Bevilaqua Guilherme Calegari

Rua Felisberto Carrejo, 386 - Bairro Fundinho (34) 32365056

trabalho artístico de pesquisa de mestrado

 **UFU** Universidade Federal de Uberlândia **IARTE** **CURSO DE DANÇA** **CURSO DE TEATRO** 

Trabalho artístico da pesquisa de mestrado de Bruna Bellinazzi Peres desenvolvida no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia - sob orientação do Profº Drº Fernando Manoel Aleixo - e que trabalha com o estímulo dos cinco sentidos da percepção e sua relação com o movimento. Através de sensibilizações, estuda possibilidades de ativação do potencial cognitivo e criativo de artista(s)- criador(es) no contexto da expressão poética da dança. A apresentação deste trabalho surgiu pela necessidade de compartilhar o processo de pesquisa que se mostrou potencialmente expressivo e poético.

Intérpretes criadores Bruna Bellinazzi, Clara Bevilaqua e Guilherme Calegari
Trilha sonora Guilherme Calegari (concepção e execução)
Produção Bruna Bellinazzi, Clara Bevilaqua, Guilherme Calegari e Natália Oliveira.
Produção do vídeo-dança Bruna Bellinazzi, Clara Bevilaqua, Guilherme Calegari,
Guilherme Gonçalves e Natália Oliveira.
Edição do vídeo-dança Natália Oliveira
Fotografia | Projeto gráfico Natália Oliveira

Agradecimentos Fernando Manoel Aleixo (pela orientação), Fernanda Bevilaqua, Eduardo Bevilaqua, Guilherme Gonçalves, Samuel Giacomelli, Élder Sereni, Patricia Chavarelli, Natália Oliveira, Ana Mundim e Patricia Leal (pelas sugestões). UFU, IARTE, Curso de Dança, Curso de teatro, Uai q Dança.

DVD com fotos e filmes dos ensaios/pesquisa, diários de pesquisa na íntegra, experiência no campo dos girassóis (vídeo) e filmagem de “Sempre às 18h no quintal da Benvinda”.

